

EDUCAÇÃO

O desafio de (re)aprender

Após longo período de afastamento, crianças voltam à escola menos seguras, mais "adultas" e com habilidades sociais afetadas. Capacidade de superação infantil é ponto favorável, mas readaptação tende a ser demorada e desafiadora

CÉCILIA EMILIANA

"Eu não quero ficar, quero ir embora", diz Gaél, de 6 anos, entre lágrimas e soluços, na porta da escola em que estuda. A cena vem se repetindo desde 8 de fevereiro, quando crianças de 5 a 11 anos retornaram às aulas presenciais em Belo Horizonte por força de liminar concedida pelo Tribunal de Justiça de Minas Gerais. "E se eu ficar com você um pouquinho lá dentro?", negocia a mãe, Helena Lopes, de 38. Ainda que resabiado, ele acaba cedendo. Esse impasse, com sutis variações, reflete uma percepção de inúmeras famílias: o período prolongado de afastamento das salas - cerca de um ano e três meses - afetou de forma tão profunda o comportamento infantil que, meses após a volta gradativa das atividades presenciais, muitos pais ainda se surpreendem com a apreensão dos pequenos com a necessidade retomada. O problema tem solução, favorecida inclusive pela adaptabilidade nessa fase da vida, mas ela tende a não ser exatamente simples, nem rápida, alertam especialistas.

Gaél mesmo nem sempre teve essa insegurança. Aos 3 anos, quando começou a vida escolar, não costumava demonstrar resistência. "Mal me dava tchau quando entrava no maternal, de tão adaptado. Agora, fica tão nervoso, que às vezes faz vômito. Tinha melhorado um pouco antes das férias, mas voltou a ficar muito sensível. A pandemia transformou meu filho de um jeito que eu já jamais imaginaria", conta Helena. Como no caso do menino, choros, birras excessivas, irritabilidade, além de demonstrações de agressividade e ansiedade, tornaram-se uma percepção mais comum entre quem frequenta as entradas dos colégios. São sintomas de crianças com o desenvolvimento e a autestima afetados pelas restrições do convívio social. Outros pequenos, por outro lado, passaram tanto tempo convivendo apenas com adultos que agora têm enfrentado dificuldade de retornar ao mesmo ambiente com colegas da mesma idade.

A reversão do quadro, preveem especialistas, levará tempo, vai exigir paciência e muito acolhimento. Em alguns casos, demandará também acompanhamento multidisciplinar, com psicólogos, terapeutas ocupacionais, entre outros profissionais especializados.

Com um tom de autojulgamento característico das mães, Helena tenta refletir sobre o que acontece com Gaél. "Ele se deu relativamente bem com as atividades on-line, embora sentisse muita falta dos coleguinhas. Isso me deixou um pouco mais tranquila. E se talvez tenha sido o erro. Acho que ele se apeçou muito a essa rotina. Agora, sente o buche da mudança. Parece que com medo de se relacionar com as pessoas", relata a bancária.

Mãe dos gêmeos Lucas e Gabriel, de 7, Natiana Queiroz, de 44, também sente que as habilidades sociais dos meninos foram afetadas. Principalmente no caso de Gabriel, que lida com o autismo, condição que, por si só, costuma vir acompanhada de desafios de socialização.

"Especialmente para o Gabriel, o retorno tem sido complicado. Ele até vai sem resistência para as aulas presenciais, mas está agressivo, comportamento que nunca tinha apresentado antes da pandemia e com dificuldade de expressar emoções. Sinto também que as necessidades de suporte dele aumentaram um pouco. Antes do isolamento, ele estava bem mais independente. Já o Lucas está muito tímido. Fica com medo de chegar perto dos amigos para brincar, e está mais

choroso", diz a arquiteta. Já para Luisa Magalhães, de 32, as dificuldades de socialização do filho Gabriel Lima, de 10, se traduzem em um comportamento demasiadamente adulto. Segundo ela, o garoto praticamente não conviveu com crianças durante o período de suspensão das aulas presenciais, o que faz com que ele reproduza acidentalmente modos "de gente grande".

"Exemplo disso é que ele anda muito sarcástico e tem se comportado assim com os meninos da idade dele. Sarcasmo é coisa de adulto. Ele aprendeu esse comportamento convivendo com adultos. Mas as crianças não entendem isso, é uma brincadeira, digamos, um tanto sofisticada. As crianças não entendem quando alguém está implicando com elas de brincadeira. O adulto entra no jogo, responde à altura, devolve a piada. A criança não, ela chora e se enche. E o Gabriel fica sem entender por quê. Uma vez, ele 'zou' os amiguinhos e acabou gerando choradeira e confusão. É isso que intervir para resolver a situação", diz a assistente de licitações.

Luisa percebe que a mudança tem provocado o afastamento de outras crianças. "Com isso, ele perde uma porção de coisas, como uma confiança infantil, as transições com outros amiguinhos. Com o retorno à escola, ele tem melhorado, mas aos poucos. Acredito que ele vai superar isso naturalmente, dentro do próprio ambiente escolar. Mas estou atenta e, se for necessário, vou procurar ajuda especializada", planeja.

Ela também é mãe de Júlia, de 5, outra pequena que não saiu ileso da falta de contato com a escola. A garota, que enfrenta problemas de audição e consequente atraso na fala, vinha apresentando significativa evolução desde que entrou na escola, aos 4 anos. Após o isolamento, a percepção familiar é de que ficou subestimada e regrediu.

"Antes, ela tinha muita paciência para se fazer entender para os coleguinhas. Agora, não. Está desestimulada. Ela fala uma vez e, quando a pessoa não entende, ela larga pra lá. Desistiu de se comunicar. Vejo isso como consequência direta do longo período de afastamento da escola, que é o meio onde as interações sociais são mais estimuladas", reflete a mãe.

REFLEXÕES

Tres avaliações de especialistas sobre a readaptação escolar

SOBRE O TEMPO
Não existe tempo: poderão para o adaptação escolar. Algumas crianças são mais sensíveis e precisam de mais apoio. Familiares e educadores, no entanto, devem ficar atentos a sinais de que o processo não está sendo adequado, tais como tristeza profunda, que pode indicar depressão.

SOBRE A BIRRA
A birra infantil na porta da escola não é considerada uma tentativa de manipulação, mas uma espécie de "curto-circuito" de um cérebro ainda imaturo diante de situações como separação brusca, medo, angústia ou contradição. Tentar ensinar lições à criança neste momento é como querer ensinar a nadar alguém que está se afogando. Se possível, acolha ou tente desviar a atenção do pequeno para outra coisa.

SOBRE APOIO
É importante que a criança e o colega da escola. Cada criança é única, tem necessidades específicas e não há nada de errado com isso. Concentre-se no acolhimento e no fortalecimento do vínculo com os pequenos. A segurança é um dos principais componentes do desenvolvimento infantil.



Natiana Queiroz, com Lucas e Gabriel e o marido, Jesus Paulo de Faria: especialistas destacam importância de entender características de cada criança



Luisa Magalhães com Gabriel, de 10, e Júlia, de 5: dificuldade de interação no reencontro com colegas tem sido percebido por várias famílias

Pouca experiência para tanta mudança

A psicóloga Maria Clara Rodrigues enumera alguns fatores relacionados às sequelas sociais deixadas pela crise sanitária nas crianças. Um deles é a quebra na rotina familiar, fator muito importante para o desenvolvimento infantil. Segundo a especialista, os pequenos tiveram que encarar ao menos duas rupturas desde o início de 2020: a primeira, quando pararam de ir à escola e passaram a ficar em casa. Outra, quase um ano e meio depois, quando voltaram às salas de aula. "E, nesse período, muitas já haviam construído uma outra rotina. Vamos lembrar que um ano e meio é quase um terço da vida de uma criança de 5 anos, por exemplo. É um impacto muito grande para elas", explica a profissional.

Maria Clara pondera que se até mesmo os adultos têm apresentado poucos recursos emocionais para lidar com algo inédito como a pandemia, as crianças, naturalmente, apresentam mais dificuldades. "Por isso o aumento da dependência dos pais, a sensibilidade afetada, a regressão e a agressividade. A criança lida com o mundo com o repertório de que dispõe", afirma a psicóloga.

O medo, sentimento muito presente no ambiente familiar ao longo da crise deflagrada pela COVID-19, é outro elemento que, para a especialista, afeta a saúde mental do público infantil. Maria Clara destaca que a infância é um período de experimentações, em que a criança está ávida por descobertas e começa a desenvolver individualidade. O medo provocado pelo coronavírus, por sua vez, traz paralisia, o que faz com que os pequenos em vez de se lançarem em novas vivências, acabem recorrendo àquilo que já conhecem

e traz sensação de segurança, ou seja, o acolhimento da família, o colo e o choro.

SUPERACÃO A boa notícia é que crianças são geralmente dotadas de ótima capacidade de superação. O processo, contudo, pode levar mais tempo do que a implicante expectativa adulta gostaria. "É razoável pensar que um problema gestado em um ano e meio pode não se resolver em poucas semanas", observa a psicopedagoga Flávia Alcântara. Para lidar com as mudanças no comportamento infantil, a primeira orientação da profissional é que os pais não se sintam culpados. "Ficase perguntando onde foi que você errou ou o que poderia ter feito melhor não leva a lugar algum. Aceite sua humanidade. De uma forma ou de outra, a pandemia deixou todos sem saber como agir. Dentro desse contexto de catástrofe, cada família fez o que pôde. O melhor é direcionar o foco para o que pode ser feito daqui pra frente", tranquiliza.

Especialista em neuroeducação, Flávia frisa que o respeito ao tempo às peculiaridades de cada criança é um dos ingredientes mais importantes da readaptação escolar. "Não deixe seu filho chorar até cansar na escola. Não acredite nos guru que dizem que 'dói educar'. Ela faz parte da vida, mas está longe de ser boa professora. Corra também do senso comum que diz que as birras são tentativas de manipulação. A birra é uma manifestação natural de um cérebro imaturo reagindo com suas áreas mais primitivas a situações como medo, angústia, separações bruscas e contradições. Na medida do possível, a birra deve ser acolhida até que a criança se acalme", afirma.

Flávia aconselha que os pais conduzam a reintrodução da rotina escolar da maneira mais respeitosa possível. "Se o pequeno não quiser entrar sozinho na sala, entre com ele e fique por algum tempo. E se ele estiver realmente muito estressado, se puder, considere o retorno gradativo. No primeiro dia, vá até a porta e volte com ele para casa. No segundo, entre na sala. Até que o aluno se sinta mais confortável para ficar. Também vale deixar que ele leve um brinquedo de que gosta muito para a aula. Objetos de apego geram segurança material", orienta.

Aos educadores, a especialista recomenda mais foco no acolhimento do que nos conteúdos. "Neste momento, o mais importante é estabelecer conexão com as crianças. Reforçar o vínculo afetivo. O principal componente do aprendizado, afinal, é a segurança. Nenhuma criança absorve conteúdos se não se sentir segura e acolhida", finaliza.

BANDEIRA VERMELHA As alterações comportamentais estão previstas no processo de readaptação escolar e devem ser avaliadas de forma individual. Flávia observa, no entanto, que os familiares devem ficar atentos a atitudes que podem indicar necessidade de apoio multidisciplinar, tais como explosões emocionais sem motivo aparente, tristeza profunda, apatia, além de grandes variações de peso ou do apetite. "Nesses casos, vale procurar o pediatra de referência da família, além da psicoterapia individual e familiar. Já problemas relacionados ao atraso de fala podem ser solucionados com ajuda de fonoclogos e terapeutas ocupacionais. (CE)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais **Página:** 10 e 11